



PALAVRA MOLDADA: TECNOLOGIAS ANCESTRAIS E CONTEMPORÂNEAS COMO MEIOS DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL ¹

CAMPOS, Valéria Hernandorena Monteagudo de Campos²
FRANÇA, Isabelle Vitória Soares de³
SANTANA, Michelly Cordeiro⁴
SANTOS, Gisele Vieira dos⁵

¹ Resultado do projeto de pesquisa relacionado ao Grupo de Estudos Vozes Esquecidas da Literatura da Faculdade Sesi de Educação.

² Professora na Licenciatura em Linguagem da Faculdade Sesi de Educação – valeriahae@gmail.com

³ Graduanda na Licenciatura em Linguagem da Faculdade Sesi de Educação – isabelle-franca200@portalsesisp.org.br

⁴ Graduanda na Licenciatura em Linguagem da Faculdade Sesi de Educação – michellycordeirosantana4@gmail.com

⁵ Graduanda na Licenciatura em Linguagem da Faculdade Sesi de Educação – gisele.santos10@faculdadesesi.edu.br

RESUMO

Esta comunicação apresenta uma experiência formativa realizada pelo Grupo de Estudos Vozes Esquecidas da Literatura, culminando em uma atividade de extensão que articulou literatura indígena, práticas manuais e recursos tecnológicos, com o objetivo de promover reflexão crítica e diálogo intercultural. O encontro, aberto à comunidade, teve como texto central o reconto “Nãna e os potes de barro”, de Chirley Pankará, publicado na antologia *Originárias: uma antologia feminina de literatura indígena* (2021). O uso das tecnologias foi orientado por duas premissas: compreender a tecnologia como meio educacional e não como fim (Selwyn, 2011; Freire, 1996; Santos, 2022); e recuperar seu sentido etimológico de estudo das técnicas e habilidades humanas, o que permite reconhecer os saberes ancestrais como formas legítimas de tecnologia (Krenak, 2022). Nesse contexto, os recursos digitais foram empregados de modo instrumental — para a busca de referências acadêmicas, o acesso a repertórios culturais não estereotipados e a socialização das reflexões — sempre em função da valorização de conhecimentos tradicionais, da literatura indígena (Graúna, 2014) e da prática manual da cerâmica. Após leituras, pesquisas e debates realizados ao longo do semestre, organizou-se uma oficina, que incluiu a leitura coletiva do reconto, a discussão em grupo orientada por questões problematizadoras e uma vivência prática inspirada na confecção de peças manuais. Essa proposta possibilitou tanto o contato estético com a literatura indígena quanto a reflexão sobre o simbolismo do barro, o papel do trabalho manual nos processos de aprendizagem comunitária e a continuidade dos saberes ancestrais. Os resultados indicam que experiências desse tipo podem ser replicadas em contextos de educação formal e não formal, favorecendo uma abordagem crítica do ensino de história e cultura indígena. Além disso, reforçam a pertinência de integrar, de maneira equilibrada, tecnologias digitais e práticas tradicionais, de modo a valorizar os povos originários e desconstruir estereótipos.

Palavras-chave: literatura indígena; educação intercultural; tecnologia educacional; cerâmica; Chirley Pankará.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta o relato de experiência do projeto “Palavra Moldada: Leitura de um Reconto Indígena Pankará e Arte Cerâmica”, realizado por estudantes e docentes do curso de Linguagem da Faculdade SESI de Educação durante o primeiro semestre de 2025. A iniciativa decorreu das atividades do Grupo de Estudos Vozes Esquecidas da Literatura, que investiga, analisa e discute a autoria, a voz e a memória de escritas e vidas excluídas nas múltiplas relações literárias, buscando compreender obras e autores preteridos ou esquecidos, seja pela crítica, pela academia, pelo público leitor ou pelo ambiente escolar. O grupo estabelece linhas interpretativas que articulam literatura e sociedade, literatura e estudos culturais, e literatura e o aspecto humanizador da linguagem, além de considerar atravessamentos poético-narrativos. Trata-se de uma abordagem metodológica multidisciplinar que valoriza tanto a produção estética quanto o conjunto de significados concentrados na dimensão social, permitindo que o trabalho literário alcance impacto na identidade das literaturas e contribua para ampliar os horizontes da produção literária nas Américas e no mundo (Campos, 2025).

O objetivo central deste projeto foi explorar a literatura de autoria indígena como meio de educação intercultural, articulando tecnologias contemporâneas e saberes ancestrais, de modo a proporcionar experiências educativas críticas, reflexivas e inclusivas. Para tanto, os membros do grupo desenvolveram uma atividade de extensão aberta à comunidade, articulando leitura, análise literária e práticas manuais inspiradas em saberes ancestrais. A escolha da literatura indígena como eixo do trabalho surgiu da constatação de que essas obras, muitas vezes, são invisibilizadas tanto na academia, nas bibliotecas e livrarias, quanto no currículo escolar, o que reforça a necessidade de inseri-las de maneira significativa na formação acadêmica e na educação formal e não formal.

O projeto teve como referência o livro *Originárias: uma antologia feminina de literatura indígena* (Negro; Dorrico, 2023), que reúne doze contos e recontos escritos por mulheres indígenas, cada qual representando uma cultura e uma cosmologia distinta. Entre eles, destacou-se o reconto “Nãna e os Potes de Barro”, de Chirley Pankará, que provocou reflexões profundas sobre ancestralidade, coletividade e transmissão de saberes. No reconto, a personagem Naná, uma menina indígena, aprende com sua avó a confeccionar potes de barro, em uma prática que transcende o simples aprendizado técnico e envolve valores comunitários e culturais, enfatizando a importância do trabalho manual e do vínculo intergeracional. Para o grupo, essa narrativa possibilitou pensar em estratégias pedagógicas que integrassem literatura e prática manual, permitindo aos participantes vivenciarem os conceitos presentes no reconto e refletir criticamente sobre os saberes indígenas.

Com relação à herança colonial, diversos estudiosos, como Pereira (2005), destacam que as narrativas de inferiorização e submissão de povos não europeus foram perpetuadas pelo colonialismo. Dessa forma, em contextualização com o cenário brasileiro, como povo colonizado, é necessário compreendermos que os espaços educacionais devem ser ocupados pela nossa identidade ancestral, silenciada pela história dos colonizadores.

Assim, surge a Lei nº 11.645/2008, que torna obrigatório o estudo da história e da cultura afro-brasileira e indígena no currículo oficial da educação básica, tanto em escolas públicas quanto privadas, ressaltando a importância do resgate dessas ancestralidades e promovendo uma educação que contemple, em chão de sala, os ensinamentos indígenas. Como grupo, compreendeu-se a necessidade de contemplar essa lei não apenas em momentos marcados por datas comemorativas, mas de forma constante, a fim de combater a noção de inferiorização dos conhecimentos desses povos.

2. DESENVOLVIMENTO E REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

A fundamentação teórica do projeto articula três eixos principais. Primeiro, a tecnologia é compreendida como meio educacional e não como fim, conceito defendido por Selwyn (2011), Freire (1996) e Santos (2022). Nesse sentido, o uso de ferramentas digitais não se restringe à instrumentalização, mas serve para acessar vozes literárias esquecidas e ampliar o alcance do conhecimento. Em segundo lugar, seguindo Krenak (2022), os saberes ancestrais são reconhecidos como formas legítimas de tecnologia. O autor propõe que os modos de sonhar e interagir com o mundo, praticados pelos povos originários, constituem cosmotécnicas, que asseguram coexistência sustentável com a natureza, em contraposição à tecnologia moderna voltada ao domínio ambiental. Por fim, a literatura indígena contemporânea é entendida como “palavra-flecha”, termo utilizado por Kambeba (2023) para indicar a capacidade das narrativas de transmitir saberes e provocar impactos sociais. Graúna (2014) reforça que essa literatura desempenha papel central na luta contra estereótipos e preconceitos, preservando memórias e garantindo a continuidade do conhecimento ancestral.

Especificamente sobre a autora escolhida, Chirley Maria Pankará é uma educadora e ativista, cuja escrita é um ato de re-existência e pedagogia política. O Povo Pankará, conhecido por suas lutas pela demarcação territorial, utiliza a literatura para fixar e perpetuar os saberes tradicionais, antes restritos à oralidade. A escolha de seu reconto valida a produção de conhecimento que emana do próprio sujeito indígena, desafiando o cânone literário hegemônico.

Dessa maneira, “Nãna e os Potes de Barro” narra o aprendizado da menina Nãna na arte ancestral de moldar o barro com sua avó, estabelecendo o livro como um referencial chave para a compreensão da cultura material e da pedagogia ancestral indígena. As análises realizadas pelo grupo de estudos destacaram os seguintes eixos:

Tradição e memória afetiva: a confecção dos potes de barro é mais que um artesanato; é um mecanismo de manutenção cultural transmitido intergeracionalmente. Esse ritual reforça a importância das tradições na preservação da identidade, refletindo-se, inclusive, na valorização de pequenos rituais familiares (memória afetiva) fora do contexto indígena.

Cosmologia e coletividade: a narrativa evidencia a intrínseca conexão com o território (o barro) e a presença constante da cosmologia indígena (como a relação com a Lua para buscar o material). O pote, enquanto utilitário, atua como uma “moeda de troca” e ferramenta de coletividade justa na comunidade, contrastando com a lógica individualista do capital.

Valor do trabalho manual: o artesanato, feito à mão, carrega o valor do esforço, do cuidado e da ancestralidade. Contudo, é crucial desmitificar o objeto: o pote é, acima de tudo, um utensílio prático necessário à vida comunitária. Essa perspectiva permite valorizar a força energética do trabalho manual sem cair na romantização, mantendo o foco em sua função sociopolítica e utilitária.

Dessa forma, a obra de Chirley Pankará serve como um referencial teórico-metodológico robusto para explorar como a literatura feminina indígena contemporânea atua na reafirmação cultural, na pedagogia da ancestralidade e na crítica às estruturas sociais desiguais, cumprindo a missão de dar voz às narrativas marginalizadas.

3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA E RESPECTIVA ANÁLISE

A atividade de culminância foi concebida como uma oficina de extensão que integrou leitura, análise e prática manual. O encontro foi realizado no âmbito do “Bibliocafé”, evento realizado pela biblioteca da faculdade como iniciativa constante para aproximação da comunidade, e contou com a participação de estudantes de diversos cursos da faculdade, professores e convidados externos. A sequência das atividades foi cuidadosamente planejada, iniciando com apresentações sobre a importância da literatura indígena, contextualização do povo Pankará, introdução à autora Chirley Pankará e à dinâmica de leitura e confecção de cerâmica, seguida pela leitura do conto, reflexão coletiva, discussão guiada por perguntas problematizadoras e, finalmente, agradecimentos e entrega de lembranças.

Durante a oficina, os participantes confeccionaram potes de cerâmica fria, permitindo contato estético e sensorial com a tradição cultural, enquanto refletiam sobre simbolismo, aprendizagem comunitária e transmissão de saberes.

As discussões foram orientadas por questões que estimularam pensamento crítico e intercultural, tais como:

1. Que importância tem o barro no reconto? Quais sentidos simbólicos ele carrega?
2. De que forma o conto mostra o processo de aprendizagem dentro da comunidade Pankará? Como isso se difere da educação escolar tradicional? Qual o papel do trabalho manual nesse contexto?
3. Como o conto contribui para a valorização dos saberes indígenas? Que aspectos culturais mais chamam a atenção? Há alguma quebra de estereótipos?
4. A escola reconhece suficientemente os conhecimentos indígenas como legítimos e importantes? Como levarmos esse conhecimento à escola sem nos apegarmos a estereótipos? Como esse reconto poderia ser usado em diferentes componentes curriculares?
5. O reconto mostra um aprendizado que vem das gerações anteriores. Como a memória das pessoas mais velhas da família ou comunidade poderia ser enfocada na escola?
6. De que forma o conto pode ser considerado um exemplo de resistência cultural?
7. Como esse texto nos faz repensar a forma como a história e a cultura indígena são ensinadas nas escolas?
8. Se você pudesse escrever uma continuação, o que aconteceria com Nana no futuro? Que papel ela teria dentro da comunidade? (Campos, 2025)

Essa abordagem permitiu aos participantes vivenciarem a aprendizagem como processo coletivo, crítico e estético, reforçando a pertinência de inserir práticas culturais e saberes ancestrais no contexto educacional.

Enquanto os participantes produziam os potes de cerâmica fria, era realizada a leitura e interpretação do reconto “Nana e os potes de barro”, para que assim eles pudessem refletir sobre o saber ancestral e estabelecer conexões com suas tradições. Essa oficina foi aberta ao público, contando com a presença de alunos e professores da Faculdade Sesi de Educação e convidados que não faziam parte da instituição.

A seguir fotografias da oficina:



Figura 1. Preparação do espaço para a oficina, com os materiais para trabalho com cerâmica, o livro e textos para leitura.



Figura 2. Estudantes e professores participam da leitura e confecção de peças de cerâmica.

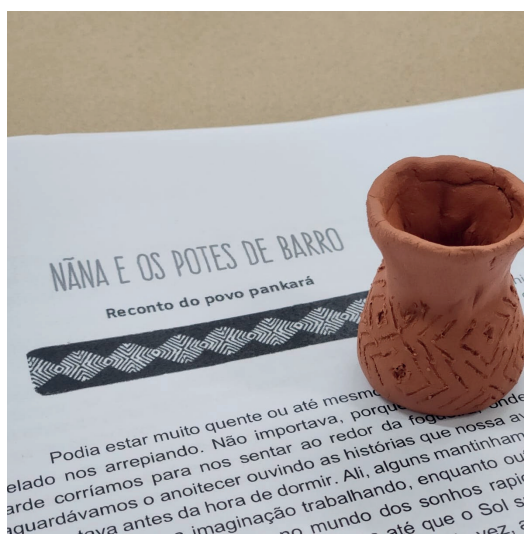


Figura 3. Texto lido na oficina e produção de um participante.

É importante mencionar que, conforme indicado nas Referências Bibliográficas, o Grupo de Estudos Vozes Esquecidas da Literatura possui um site, desde 2024, para divulgar, trabalhos, informações e contato para a participação de novos integrantes. Nele há mais informações sobre a oficina “Palavra Moldada: Leitura de um reconto indígena Pankará e Arte Cerâmica”, de modo a contribuir, por meio da difusão educacional apoiada pelas novas tecnologias, para a replicação da experiência, assim como compartilhar práticas educativas interculturais que podem ser realizadas nos diversos níveis de ensino.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados indicam que atividades dessa natureza podem ser replicadas em contextos de educação formal e não formal, favorecendo uma abordagem crítica do ensino de história e cultura indígena, promovendo integração equilibrada entre tecnologias digitais e práticas tradicionais, e valorizando a memória e os saberes indígenas. Observou-se que o contato direto com a narrativa e a prática manual possibilitou maior engajamento, reflexão crítica e compreensão da importância da coletividade e do aprendizado intergeracional, evidenciando que experiências educativas desse tipo contribuem para a construção de conhecimento intercultural e interdisciplinar.

Conclui-se que a integração de literatura indígena, tecnologias contemporâneas e saberes ancestrais constitui uma estratégia eficaz de educação intercultural, capaz de valorizar culturas historicamente marginalizadas, promover resistência a estereótipos e ampliar o horizonte pedagógico. A experiência do Grupo de Estudos Vozes Esquecidas da Literatura demonstra que atividades interdisciplinares, envolvendo leitura, prática manual e reflexão crítica, podem ser aplicadas em múltiplos contextos educativos, fortalecendo o senso de pertencimento, identidade cultural e compreensão intercultural dos participantes.

5. REFERÊNCIAS

CAMPOS, Valéria Hernandorena Monteagudo de. *Vozes Esquecidas da Literatura*. 2025. Disponível em: <https://sites.google.com/view/grupovozes>. Acesso em: 14 set. 2025.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GRAÚNA, Graça. *Literatura indígena: desconstruindo estereótipos, repensando preconceitos*. 2008. Disponível em: https://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/ggrauna/ggrauna_lit_indigena_desconstruindo.pdf. Acesso em: 14 set. 2025.

KAMBEBA, Márcia. *Palavra-Flecha: Entrevista com Marcia Kambeba*. *Abatirá - Revista de Ciências Humanas e Linguagens*, [S. l.], v. 4, n. 7, p. 480–497, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/abatira/article/view/14865>. Acesso em: 14 set. 2025.

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

NEGRO, M.; TRUDRUÁ DORRICO. *Originárias: uma antologia feminina de literatura indígena*. [S. l.]: Companhia das Letrinhas, 2023.

PEREIRA, Rui Mateus. *Conhecer para dominar: o desenvolvimento do conhecimento*

antropológico na política colonial portuguesa em Moçambique, 1926-1959. 2005. Dissertação. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa, 2005. Acesso em: 27 set. 2025

SANTOS, A. Inclusão digital: políticas públicas e acesso às tecnologias educacionais. *Revista Brasileira de Inclusão Educacional*, 10(3), 19-35, 2022.

SELWYN, N. *Education and Technology: key issues and debates*. Londres: Bloomsbury, 2011.